

A LITERATURA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA

Débora Jordana Rodrigues Silva¹

RESUMO

Este presente artigo é um recorte da minha monografia de conclusão de curso apresentada no departamento de História da Universidade Estadual do Piauí-UESPI e tem como objetivo analisar a relação entre ficção e história dentro da obra Palha de Arroz de Fontes Ibiapina e na obra histórica A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina-(1937-1945) de Francisco Alcides do Nascimento, compreendendo como uma troca de benefícios entre os dois campos do saber. Buscando entender a Literatura como fonte para a História, desta feita usando a teoria trabalhada por Sandra Jatahy Pesavento que trabalha com o conceito de ficção controlada e Luis Costa Lima, ressaltando como o literato mescla o ficcional e o histórico, desvendando um passado recente de Teresina que outrora é desconhecido por muitos, revelando anseios, desejos e sonhos de uma população sofrida nos duros anos da Ditadura Vargas, através dos incêndios que ocorreram em Teresina nos anos de 1939 a 1945.

Palavras-chave: Fontes Ibiapina, Ficção e História, Literatura como fonte

ABSTRACT

This article is a cut from my monograph of course conclusion presented in the History Department of the State University of Piauí-UESPI and aims to analyze the relationship between fiction and history within the work Straw of Rice of Fontes Ibiapina and in the historical work A city under fire: modernization and police violence in Teresina- (1937-1945) by Francisco Alcides do Nascimento, understood as an exchange of benefits between the two fields of knowledge. Seeking to understand Literature as a source for History, this time using the theory worked by Sandra Jatahy Pesavento that works with the concept of controlled fiction and Luis Costa Lima, highlighting how the writer mixes the fictional and the historical, unraveling a recent past of Teresina which was once unknown to many, revealing the yearnings, desires and dreams of a population suffered in the harsh years of the Vargas Dictatorship, through the fires that occurred in Teresina from 1939 to 1945.

KEYWORDS: Fontes Ibiapina, fiction and history, font as source

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí-PPGHB/UFPI. E-mail: debinhajordana@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Dentre as renovações temáticas que a História Cultural proporcionou está a relação entre História e Literatura, relação esta que rendeu calorosos debates por muitos anos e hoje ainda é um assunto discutido dentro das academias. Haveria uma relação de aproximação entre esses dois campos do saber? Haveria de a Literatura servir como fonte para a História? O que distingue os dois textos, o literário e o ficcional?

São tantas as indagações, o romance histórico é a chave para entendermos essa relação simbiótica entre História e Literatura, relação de mútua ajuda. A Literatura com seus códigos e sua forma de representar o passado através de figuras de linguagem proporciona ao pesquisador de História, indícios de um passado que existiu, além de expor sentimentos, pensamentos, anseios de a determinada sociedade, que às vezes não estão em nenhum documento oficial, cabe ao historiador saber entender essas representações trazidas pelo texto literário.

O romance histórico, é um romance que destaca vida e costumes de uma certa época e lugar da história, mesclando fatos realmente ocorridos e fatos fictícios, todavia, no caso dos romances históricos, temos um novo desafio, que é a apropriação de personagens reais do passado para a construção de acontecimentos e cenas registrados pelo tempo, porém dotadas de falas e ações desconhecidas pelo grande público.

A categoria do romance histórico apresenta duas tipologias: na primeira, observamos certo acontecimento passado como pano de fundo para uma trama inventada e contemporânea ao escritor; já no novo romance histórico, há uma recriação do tempo vivido, de forma reelaborada, que por muitas vezes se configura no foco principal de narrativa.

Partindo dessa ideia, analisaremos o romance Palha de Arroz que retrata os difíceis anos da ditadura Vargas em Teresina, procurando entender a relação entre História e Literatura (ficção) dentro da obra de Fontes Ibiapina. Então, procurou-se fazer uma comparação entre o ficcional e o histórico, a partir da obra Palha de Arroz,

comparada com outras obras acadêmicas a saber: o livro “A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina-(1937-1945)” de Francisco Alcides do Nascimento, buscando elevar o romance à categoria de fonte para a História, pois traz muitas informações, ou confirma aquilo que estava escrito em fontes documentais oficiais, para embasar teoricamente levaremos em conta as obras de Sandra Jatahy Pesavento que defende a Literatura como fonte para a História.

Estado Novo e a modernização nos meios de comunicação

Francisco Alcides do Nascimento em seu livro “A cidade sob o Fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945) reconstrói maestralmente a história dos incêndios que assolaram a capital teresinense nos primeiros anos de 1940. Nascimento procura mostrar que esses incêndios foram fruto do processo de modernização ocorrido em Teresina no período do Estado Novo de Getúlio Vargas, onde essas ocorrências estão na memória coletiva das pessoas que vivenciaram a época, que são vistos como criminosos por alguns e como forma de expurgar a população pobre que vivia em casas de palha no centro-sul de Teresina.

Há diversas discussões sobre a relação entre História e Literatura, e o uso da ficção como fonte para a História, assim como outras áreas do conhecimento, a questão da interdisciplinaridade. Quanto a isso, Pesavento nos diz que:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2003: 58-59).

Nesse caso, o papel do historiador se assemelha ao do ficcionista porque ele cria novas perguntas sobre o passado, como diz Michel de Certeau, na escolha das fontes, na formulação das hipóteses, a operação historiográfica é subjetiva, porque leva em conta o olhar que o historiador tem sobre esse passado, vai depender muito de sua interpretação, muito em bora esteja limitado por fontes.

Ao analisar minuciosamente o livro *Palha de Arroz* de Fontes Ibiapina, podemos confirmar algumas características entre as duas obras a ficcional e a histórica, primeiramente sobre o período em que ocorreu esses incêndios, o Estado Novo, muitas vezes citados por Fontes Ibiapina em sua obra através das falas de Pau de Fumo e o negro Parente, personagens quase que centrais do livro *Palha de Arroz*, que ora conversam sobre os incêndios, ou sobre suas condições de pobreza e falta de oportunidades na vida.

Embora hoje a representação histórica do passado não se atém na busca por uma verdade absoluta, porque não existe uma verdade, mas várias. O papel do historiador é saber buscar várias possibilidades de interpretações sobre um tempo estudado. Para Luiz Costa Lima, a escrita da História está inevitavelmente subordinada ao ponto de vista que precede sua compreensão e tem por aporia a verdade do que houve, ao passo que no discurso ficcional não se postula uma verdade. Tais considerações, no entanto, não perdem de vista o fato de que, em qualquer discurso, é preciso considerar a maneira como a realidade é verbalmente trabalhada.

Tanto a Literatura quanto a História representam o passado, mas há uma fronteira entre elas: a ficção pois de acordo com Pesavento

a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1995, p.117).

Ibiapina também destaca sobre a Segunda Guerra Mundial, explicando que o Interventor não tinha tempo para resolver os assuntos dos incêndios pois:

Os incêndios tiveram início ainda no quente da guerra. O mundo quase que todo em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim. Mas há uns dias apenas. Além dos mais, antes de se resolverem os problemas que a guerra plantou, era impossível se tratar de assunto de somenos importância (IBIAPINA, 2004, p. 30).

Nascimento trabalha com três capítulos: no primeiro ele retrata a implantação do Estado Novo e como forma de controlar os meios de comunicação, surge a implantação do DIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) em 1939, fala do silêncio dos intelectuais sobre os incêndios e a modernização das instalações dos quartéis das polícias

militar e civil, bem como a preocupação com a instrução pública, criando assim salas de aulas e preparando professores para o magistério.

Nascimento fala em seu livro sobre esse período que “O Estado Novo se empenhava na imposição de uma ideologia centralizadora e autoritária. ” Por isso os meios mais eficazes de implantar essas ideias eram através de propagandas de rádio, jornal e revista, como meio de doutrinação e para impor a ordem, mas principalmente era usado o rádio, visto que a população piauiense em sua maioria era iletrada, poderia ao menos ouvir e ser convencidos das ideologias do Estado Novo.

A modernização atingiu os meios de comunicação, segundo Nascimento, circulavam na época dois jornais: O Diário Oficial e o Gazeta, ambos estavam sob censura do DIP, e também o governo monopolizava a importação de papel, fato esses que possibilitou a diminuição da circulação de jornais na época. O Diário Oficial publicava os atos oficiais do governo, de suas ideias e feitos como uma forma de doutrinar o povo a legitimar o governo Vargasista.

Já o Gazeta, falava sempre em suas páginas sobre o conflito entre os países na guerra mundial, sofreu dura censura, embora falasse assuntos de interesse do governo. Ibiapina em Palha de Arroz destaca atuação de um jornal também, chamado de “O Piauí” que segundo Ibiapina em sua narrativa:

Muita gente dava na visa da Polícia, do Chefe. “O Piauí”, jornal pequeno mas de língua de léguas e meia, editado pela Oposição que já começava a se engatinhar, chegava a dizer que o homem era vil três vezes - Vil-mar, Vil-ela e vil na administração (IBIAPINA, 2004. p. 59).

Este jornal criticava a gestão do chefe de Polícia de Teresina, o capitão Vilmar, nome criado pelo autor, mas em Teresina o chefe da Polícia era o capitão do exército Evilásio Gonçalves Vilanova. Podemos então se perguntar se uma literatura de ficção pode ser fonte para a História, se o literato não tem compromisso com o real, quanto à ficção, “suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir” (LIMA, 2006, p.156) muito embora um romance urbano como o Palha de Arroz foi construído através de pesquisa e uso da memória do autor, Fontes Ibiapina. Sabemos que o historiador é quem busca o mais aproximado possível de construir uma narrativa pautada na realidade, muito embora segundo Sandra Jatahy Pesavento diz no seguinte trecho que os personagens da ficção:

Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. (PESAVENTO, 2006, s/p)

Embora não seja personagens reais, mas os represente, os personagens fictícios expressam os sentimentos, anseios de uma determinada época, servindo como fonte para a História, pois “O ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade.” (LIMA, 2006, p.282).

Ibiapina fala também da amplificadora, nos festejos de São José da Flores, hoje Timon, sua voz ecoava através de gravações acompanhadas de oferecimentos amorosos e sua programação durava até meia noite, seu prefixo de abertura era segundo Ibiapina:

Esta é a voz da Liberdade cruzando o ar com sua potência noturna, a voz mais potente da cidade. O Brasil espera que cada um cumpra seu dever. Quem for brasileiro que me siga. Não se esqueçam que as crianças de hoje serão os homens de amanhã. Tudo pelo engrandecimento do rádio maranhense e piauiense; tudo por um Brasil melhor. Nosso lema foi, é e sempre será: Deus, Amor, Pátria e Família [...] (IBIAPINA, Palha de Arroz, 2004, p. 22)

Ibiapina sutilmente, destaca em sua fala os ideais do Estado Novo: o engrandecimento da nação, veneração à Pátria, ordem, progresso, este era um meio eficaz de divulgação de longo alcance para a população mais pobre. Segundo Nascimento, Getúlio Vargas se aproveitava para criar sua própria imagem de “pai dos pobres”, engrandecia o trabalho e o trabalhador. Sabendo do poder que o rádio tinha, Vargas em 1937 discursa com relação ao seu interesse de aumentar as estações radiofônicas, de instalar receptores providos de alto-falantes em praças e logradouros públicos.

Em Teresina até 1930 possuía duas amplificadoras, 1938 inaugura a Rádio Amplificadora Teresinense, segundo Nascimento, o objetivo era sem dúvida:

A ideia da sociedade sem contradições, a noção de uma totalidade orgânica é associada à do corpo uno, indivisível e harmonioso defendido pelo Estado Novo e trazida para justificar o papel da Rádio Amplificadora Teresinense [...] A ideia de grandeza dos regimes nazifascistas atinge o interventor federal. Incorpora o ideário estadonovista de uma nação forte, una, sem contradições, e o rádio deverão ser um dos instrumentos utilizados (NASCIMENTO, 2002, p. 56 e 57).

A pobreza em Teresina

Aos olhos de Fontes Ibiapina podemos enxergar como era Teresina entre os anos de 1939 a 1945, através de Palha de Arroz compreendemos a pobreza que tomava conta da Capital do estado Piauí e o porquê dos anseios de uma modernização aos moldes europeus, Ibiapina descreve a cidade de Teresina da seguinte forma: “Ruas quietas dentro duma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres.” (IBIAPINA, 2004, p. 11)

Ele descreve que a cidade era suja, muita pobreza, podemos ver pelas coberturas das casas que eram de palha, a pobreza toma conta da vida dos habitantes da cidade que os instiga a procurar outros meios de sobrevivência. Podemos notar que a vida econômica se dava nas margens do rio Parnaíba segundo o trecho: (IBIAPINA, 2004. p. 11) “Às portas dos armazéns, estivadores trabalhavam dando os últimos pospontos em sacos de oiticica, cera de carnaúba, babaçu.”

A situação da cidade de Teresina era um caos: (IBIAPINA, 2004. p. 15) “Noite escura. A cidade também era uma escrava. A Usina morta. Já ia pra muito tempo com a capital sem luz elétrica.” (IBIAPINA, 2004. p. 52) ou “Já ia para três anos, ou mais qualquer coisa, que as lâmpadas feriam.”, não havia luz elétrica, Ibiapina usa a palavra “feriam” de férias indicando que há muito tempo que não tinha luz na cidade.

Segundo Nascimento, Teresina foi projetada para ser a capital da Província, mas podemos notar segundo a obra de Fontes Ibiapina que Teresina estava aquém de se quer parecer com uma capital do gabarito do Rio de Janeiro, Recife ou Fortaleza, queriam modificar Teresina, mas lembraram apenas do centro da cidade, outra Teresina, porém era esquecida pelas autoridades, uma que envergonhava, uma realidade do qual queriam expurgar.

Os próprios personagens do livro Palha de Arroz sofriam com tamanha pobreza, o personagem Pau de Fumo que antes tinha estudado no colégio Diocesano, enquanto seu pai era vivo, depois que ele morreu teve que encontrar outros meios de sobrevivência, pois segundo ele:

Se não encontrava serviço. Nem tinha dinheiro em baú, visto que não herdara coisa alguma de ninguém. Esse também não era empregado do governo, como roubar de outra maneira?! Como sustentar Genoveva e três filhos?! (IBIAPINA, Palha de Arroz, 2004, p. 14).

Posteriormente, Pau de Fumo volta a ser Chico da Benta, seu nome de batismo, e passa a ser chapeiro, levar bagagens de viajantes em troca de dinheiro. O Negro Parente era “pescador de defuntos.” Ou seja, resgatava o corpo dos afogados do rio Parnaíba em troca de dinheiro. Mas como sua profissão não lhe dava mais lucros resolveu “caçar vidas”.

Maria Preá vivia da mais antiga profissão do mundo, era prostituta: “Se Maria Preá fosse que nem uma daquelas gatas da Paissandu, amancebada até com doutor de posição, dormindo em colchão de molas [...]” (IBIAPINA, 2004, p. 17) e também: “Entra Maria Preá [...] Vai-se embora, viajar [...] Lá no seu dizer, para uma terra onde pobre não sofresse tanto. Para Bahia de Todos os Santos.” (IBIAPINA, 2004. p. 151) A cidade não oferecia muitas oportunidades de emprego para quem não tivesse estudo e Parente foi para Mato Grosso porque: “A cada dia, mais a necessidade aumentava, mais a coisa ficava preta. Safra pobre aquela.” (IBIAPINA, 2004. p. 156)

[...] o avesso do real, mas outra forma de captá-la, onde os limotes da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador. [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ter nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1993: 117).

Quando se analisa uma obra ficcional, eleva a categoria de fonte para a História, o historiador tem que levar em conta a biografia do autor, seu estilo literário, o contexto em que a obra foi escrita, para poder entender que mensagem o literato quer passar, levando em conta como o historiador vê e ordena os fatos dos acontecimentos, sejam eles reais ou imaginários, é o que dá sentido aos fatos narrados e o faz compreender a mensagem transmitida pelo texto, no caso o livro *Palha de Arroz*.

Segundo Pesavento (2006):

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006: s/p).

Para que a literatura se torne fonte para a História, é preciso que haja toda uma gama de conhecimento prévio sobre o contexto em que aquela obra foi escrita, assim

ao analisá-la, o historiador descobre detalhes que não conhecia, dependendo da pergunta que ele (historiador) formula e que tem a pretensão de achar as respostas para suas indagações.

Há uma preocupação em transformar Teresina em uma cidade moderna, por isso introduziu meios de transportes modernos em Teresina e reformas de prédios da cidade.

Mas, segundo Nascimento, havia uma “outra cidade” onde faltava água tratada e canalizada, luz elétrica e falta de calçamento nas ruas, onde a maioria da população vivia em casas de palha. Em Palha de Arroz, segundo o trecho:

Palha de Arroz se indo. Também... pudera! Um subúrbio imundo bem no centro da cidade. Se ao menos noutra cidade qualquer! Mas a capital?! Que impressão teriam do Piauí os turistas que por ali passavam?! Que sairiam pensando de nosso povo?! De nossa terra?! De nossa cultura?! De nosso progresso?! (IBIAPINA, Palha de Arroz, 2004, p. 32).

Podemos notar que Fontes Ibiapina ressalta os sentimentos das autoridades em relação ao bairro Palha de Arroz, sua pobreza e imundície enfeavam a capital piauiense, era preciso que se iniciasse uma modernização na cidade, só que na realidade foi uma modernização forçada e excludente.

Modernização da estrutura policial e nova arquitetura

O Estado Novo de Getúlio Vargas precisava de um aparelho militar bem estruturado que pudesse impor a ordem e o respeito, a Polícia do Piauí é então modernizada, começando com a indicação de Landri Sales para Interventoria, que prontamente reformou o Quartel da Polícia militar, e aumentou o contingente da Força Pública, outro nome citado é o capitão do exército Evilásio Gonçalves Vilanova que dirigiu a Polícia Civil.

Segundo Ibiapina, o chefe da Polícia trabalhava muito, considerado o maior chefe de Polícia de todos os tempos, que era alvo de críticas da Oposição, no livro, Ibiapina o chama de Vilmar “Acrescentou o quartel da Polícia Militar, que era uma coisinha. Ficou uma beleza. Grande, bonito e confortável. Criou o Corpo de Bombeiros.

Outros, melhoramentos. Outras realizações. ” (IBIAPINA,2004, p.30). Este prédio posteriormente, segundo Fontes Ibiapina foi transformado em Escola de Menores:

Serviço pesado ajudando a construir aquele prédio. Aquele mesmo que agora era uma Escola de Menores Abandonados.) Escola de Menores.... Que tal?! Tem graça! Os pobres e coitados meninos apanhando a três por quatro. E em trabalho forçado (IBIAPINA, 2004, p. 83).

Parte do Quartel foi cedida para a Legião Brasileira de Assistência em 1944 para implantar uma escola correcional de menores, onde segundo Nascimento (2002, p.105) “[...] com o objetivo de coibir a criminalidade juvenil, cria uma escola que deveria iniciar os meninos delinquentes em profissões, e, para tanto, instalou oficinas de sapataria, marcenaria, alfaiataria”, mas o verdadeiro objetivo seria “limpar” a cidade dos meninos que representavam um perigo para a sociedade.

Este prédio, segundo Fontes Ibiapina, custou a vida de muitas pessoas que para lá eram mandadas como forma de punição, acusados de incendiários. Nascimento, conta que além do prédio, havia uma piscina e uma quadra de esportes para os oficiais e soldados, Evilásio através de exercícios físicos, queria formar os oficiais mental, físico e psicologicamente.

Ibiapina, relata que como a Polícia não tinha mais condição de tomar de conta de tantos bairros, o Comandante do 25º BC colocou o Exército para patrulhar o bairro Mafuá, onde acontecia a maioria dos incêndios, enquanto a Polícia Militar e a Guarda Civil para tomarem de conta dos outros bairros: Cabral, Porenquanto, Cruzeiro, Porenquanto, Matadouro, Matinha, Vermelha, Cajueiros e Barroão.

Podemos notar que o comandante da Força Policial (antes Polícia Militar) Evilásio Vilanova, criou um pelotão, Pelotão de Esclarecedores Montados) este deveria patrulhar as áreas suburbanas da cidade. Fontes Ibiapina cita o seguinte: “Às vezes também as sirenes do Corpo de Bombeiros [...] E só eram dois carros. Dois carros tanques que com suas mangueiras obravam milagres por todos os subúrbios da cidade. ” assim descreve a ação do Corpo de Bombeiros e seus equipamentos que combatiam os incêndios, dando a entender que a modernização melhorou também neste aspecto. (IBIAPINA, 2004, p.29)

Este fato é confirmado por Nascimento em seu livro A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina-(1937-1945). O seguinte trecho: “No

quarteirão mencionado, após as reformas de adaptação dos prédios que eram residenciais, seriam instalados a Chefia de Polícia, a 1ª e 2ª Delegacias de Polícia, a Guarda Civil, Corpo de Bombeiros e garagem de carros policiais. ” (NASCIMENTO, 2002, p.101) “A intensidade dos incêndios de 1941 motivou a proposta de criação, no interior da Força Pública, de um grupamento de bombeiros” (NASCIMENTO, 2002, p.102) onde Evilásio angariou recursos para compra de três carros tanques para o corpo de Bombeiros, mas Fontes Ibiapina cita somente dois carros para dar conta de tanto incêndio em toda cidade.

A modernização na cidade de Teresina trouxe ruas mais largas, construção de praças para o lazer e intensa arborização. No que tange a arquitetura, segundo Fontes Ibiapina “Só um hospital para atender a todo o Piauí e grande parte do Maranhão! [...]. Pela primeira vez na vida, sem protocolo, sem formalidade, foi internado um doente na Classe A do Hospital Getúlio Vargas. ” (IBIAPINA, 2004, p.36,37)

Destacando a construção do Hospital Getúlio Vargas, onde o personagem “Parente” depois que sofre ferimentos por causa de um incêndio, é ajudado por um viajante que estava hospedado na pensão Glória, que paga as despesas do hospital para Parente, este prédio foi construído pelo então governador Leônidas de Castro Melo e colocou o nome em homenagem ao presidente Getúlio Vargas. Nascimento, fala das reformas na arquitetura em Teresina, com prédios diferentes dos predominantes, construídos de concreto armado e com dois pavimentos.

As fontes, documentais ou literárias, são uma mediação entre o passado e o presente, é aí que entra o papel do historiador, que é o de interpretar estas fontes, descobrindo os discursos nelas contidos, sendo que estas se tornam novas pistas para a reflexão e investigação do passado.

Violência policial

Ao analisarmos uma obra ficcional podemos compreender o imaginário da época retratada na obra, a respeito disso nos fala Pesavento que:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver as sensibilidades, perfis e valores. Ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou códigos de etiquetas de

uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma (PESAVENTO, 2003, p. 82-83).

Isso nos faz lembrar que através da análise deste romance *Palha de Arroz*, podemos enxergar os sentimentos, ideias e comportamentos das pessoas de determinada época, a época em que foi escrita essa obra, o que se passava no pensamento coletivo, os sofrimentos pelos quais a população passou neste período conturbado de Teresina. Pensando nisso, *Fontes Ibiapina* nos traz muitas informações sobre a forma como a Polícia tratava a população e os anseios de quem sofria com tamanha repressão.

Ao falar dos incêndios, *Fontes Ibiapina* ressalta nas entrelinhas do texto que a Polícia era o mecanismo de repressão utilizado pelo Estado Novo para coibir as pessoas e impor a ordem. Os anos de 1945, segundo *Ibiapina* foram os anos que mais aconteceram incêndios em Teresina, e tamanha era a violência utilizada pela polícia, que as pessoas já sofriam tanto com os incêndios, com a perda dos pertences pessoais e de vidas também ainda tinha que se subordinar aos desmandos da Polícia de Teresina.

Segundo *Ibiapina* “Lei da polícia. Era só o que faltava! Polícia decretando lei [...] E ao daqueles que a deixasse de cumprir. Ai daquele! Nem as próprias pessoas de casa tinham direito de tirar ao menos um cacareco. Triste daquele que tentasse salvar algo.” (IBIAPINA, 2004, p.82) Aqui neste trecho vemos que as pessoas eram proibidas de tirar seus pertences pessoais de casa, porque era uma espécie de lei da Polícia, deveriam as pessoas assistir a casa e tudo que lhes pertencia indo por “água abaixo” num espetáculo de chamas ardentes e ficar inerte ante tamanho espetáculo.

Nascimento em suas pesquisas descreve que muitas pessoas foram presas injustamente acusadas de incendiárias, a forma como esses acusados são tratados diz Nascimento, são as formas mais cruéis possíveis, em seu livro ele ressalta que “[...] a forma como a Polícia estadonovista agia com prisioneiros já era conhecida desde o chamado Levante Comunista de 1935 “Ele ainda faz uma citação que nos dá uma ideia das formas de torturas utilizadas no Estado Novo: “[...] arrancar unhas com alicate, enfiar alfinetes sob as unhas [...] espancar os prisioneiros [...] queimar testículos com maçaricos, extrair dentes com alicates introduzir arame nos ouvidos [...] tudo para, segundo a Polícia arrancar confissão dos acusados de incendiários.” (NASCIMENTO, 2002, p.282)

A literatura é uma leitura sensível do real, o literato dá um novo sentido à realidade. Os textos históricos e literários não são a mesma coisa, embora haja uma

aproximação entre eles, mas a diferença reside no fato de que a literatura não precisa comprovar a veracidade dos fatos, enquanto que a história é construída a partir de documentos e fontes confiáveis, embora leve em conta também o ponto de vista do historiador ou detalhes da memória coletiva capitada pela história oral.

Ibiapina através de seus personagens, nos conta os dramas vividos pelas pessoas naquela época, o personagem Pau de Fumo assim descreve que “Preferia a morte a cair nas garras daquela Polícia infame[...] Mas não ia de fome dar os couro às varas numa terra onde de tudo podia e devia haver com fartura. ” (IBIAPINA, 2004, p.14) Pau de Fumo, Parente, Genoveva e tantos outros simbolizam os mártires da população Teresinense, que tanto sofreram injustamente.

Toda vez que Pau de Fumo era preso por roubar, segundo ele para sustentar Veva (Genoveva) sua mulher e três filhos, ele caía nas mãos da Polícia, daí era preso e levado para o “Ilhotas” referência do bairro onde fora construído o Quartel da Polícia, lá era onde acontecia as torturas aos prisioneiros, Ibiapina assim descreve as torturas sofridas por Pau de Fumo: “Quase que não pregou os olhos durante toda a noite[...] Sentado no cimento frio. Vez por outra, vinha o peste de um guarda e atirava-lhe uma lata d’água” (IBIAPINA, 2004, p.24)

Pau de Fumo ressalta que “O repouso à noite ainda era pior[...] Com o piso alagado de molho de sal, às vezes misturado com pimenta no podia dormir, porque era encharcado de água” e ainda mais, segundo Pau de Fumo não podia dormir todo encharcado de água, com as costas latanhadas de surras e ainda com pimenta no chão, e sofria açoites e pontapés.

Nascimento, ainda ressalta que a população vivia em clima de terror, por causa dos incêndios que assolavam o subúrbio da cidade de Teresina, como também a lei do silêncio imposta pela Polícia, como quando a população não poderia falar sobre o assunto ou xingar a Polícia, porque poderia terminar em prisão. Segundo Ibiapina, o povo passou a chamar os incêndios de “chuva”, assim era o código utilizado entre ambas as pessoas.

Hoje os historiadores podem contar com um novo método de investigação em relação aos fatos ocorridos no contexto social, muitos perdem a oportunidade de enriquecer suas pesquisas, pois se negam a mudar sua visão, no que tange ao uso de

diversas fontes, que não somente documentais, deixam de conhecer tantos detalhes que saltam aos olhos, como quando estas novas fontes são analisadas.

Fontes Ibiapina usa personagens históricos, muitas vezes ele muda o nome, para dar um ar de veracidade à narrativa, os detalhes usados são tão perfeitos, embora seja uma criação fictícia, mas por causa de tantos detalhes empregados que esta obra pode ser usada como fonte para a História. Vale lembrar que a ação do romance Palha de Arroz é anterior ao presente do narrador, pois embora Fontes Ibiapina tenha vindo estudar na capital teresinense na época e vivenciou tais fatos, sua obra foi escrita e publicada décadas depois do ocorrido.

CONCLUSÃO

Como vimos, grandes são os debates à cerca da relação entre História e Literatura, vimos que essas duas áreas são produtoras de conhecimento, enquanto que no passado a História tinha compromisso com a “verdade”, a Literatura buscava o belo, o fantástico sem compromisso com a verdade dos fatos. Esse quadro mudou, hoje podemos recorrer à Literatura de ficção como fonte, pois ela é uma leitura privilegiada dos acontecimentos históricos, onde fornece respostas a fatos históricos, que nem mesmo o historiador conseguia dar.

Por isso Sandra Jatahy Pesavento vê a narrativa histórica como uma “ficção controlada” semelhante ao papel do ficcionista, pois ele não escreve verdades e nem reconstrói um passado tal como foi, porque segundo Pesavento, ele cria uma verossimilhança do passado, uma ideia de verdade, ele manipula fontes, cria fontes, mas estando limitadas a elas e por um método estabelecido pela academia, não podendo este inventar personagens, nem fatos reais como o literato faz. Devemos lembrar, porém, que para o historiador usar a literatura de ficção como fonte deverá conhecer a vida do literato, suas influências e entender que uma literatura traz consigo, empregadas em suas páginas toda energia social da época em que ela foi inserida, a energia social de um povo.

Devemos ainda compreender a Literatura com forma de representação do passado no sentido que ela retrata a sociedade em que ela estava inserida, trazendo

consigo sentimentos, desejos e anseios, mentalidades de um povo que vivenciou determinada época.

Ao analisar o romance *Palha de Arroz* vimos como Fontes Ibiapina trabalhou a questão dos incêndios em Teresina, nos duros anos da Ditadura Vargas, a forma como ele usa os fatos históricos e os ordena através de uma trama, onde seus personagens que muitas vezes ele pega emprestado da História ou inventa seus nomes, representam aquelas pessoas que sofreram tanto com aqueles incêndios, com tanta pobreza e posterior repressão policial.

Assim, podemos concluir que tanto Fontes Ibiapina de forma ficcional, quanto Francisco Alcides do Nascimento de forma histórica, contribuíram para conhecermos um pouco sobre Teresina nesta época do Estado Novo de Getúlio Vargas, o processo de modernização excludente, o sofrimento do povo com tais acontecimentos fatídicos e a violência policial empregada com o objetivo de descobrir a autoria de tais incêndios.

Tanto a narrativa histórica, quanto a ficcional são formas de conhecimento, que propicia uma visão mais apurada de um dado fato ao longo de sua trajetória histórica, e os incêndios trabalhados por Fontes Ibiapina no terceiro capítulo representa estes fatos históricos, vemos a grande preocupação do literato com o social, denunciar uma época tão esquecida por muitos, ele consegue retratar nas entrelinhas todo sofrimento pelo qual a população pobre de Teresina passava, a busca por uma resposta que até hoje ninguém sabe responder: quem é o autor intelectual dos incêndios em Teresina na década de 1940? Até hoje permanece uma incógnita.

Ao unir os dois discursos: o ficcional e o histórico, Fontes Ibiapina traz um fato real e que propicia o conhecimento sobre esse período, buscando ressuscitar essa história tão esquecida ou oculta nos documentos oficiais, para não cair no esquecimento, para denunciar tantas opressões, com o objetivo de repensar o social, entendemos assim que a Literatura constitui fonte para a História nesse sentido, de trazer conhecimento para o pesquisador de História, quando este se debruça em suas páginas e busca entender os códigos da Literatura, as figuras de linguagem empregadas pelo romancista.

REFERÊNCIAS

IBIAPINA, Fontes. Palha de Arroz. 4. ed. Teresina: Corisco, 2004. 226p.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. Jatahy. (Org.). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: Unicamp, 1998.

LIMA, Luiz Costa. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina-(1937-1945). 1. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002. 229p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: Revista Anos 90, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROIZ, Diogo da Silva. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. 2. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p. Pensamento Plural, n. 2, 2014.

SILVA, R. C.M. Palha de arroz, de Fontes Ibiapina, e a cidade incendiada. 2000. 169 f. Dissertação (pós-graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2000.